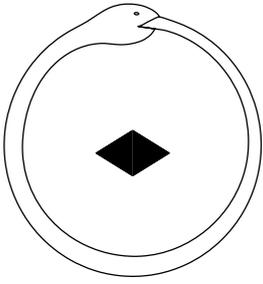


ESCOLA POR VIR
Thelma Vilas Boas



cadernos
SELVAGEM



ESCOLA POR VIR

Thelma Vilas Boas

Fala apresentada por Thelma Vilas Boas

no Selvagem presencial do dia 14 de maio de 2022,

O beijo do beija-flor, sediado no MAM Rio.

A minha escola sequestrou muito a minha oralidade, então talvez seja a escola de muitos de vocês. Mas, antes de tudo, boa tarde, bom dia.

Eu peço a bênção dos mais velhos e licença aos que vieram antes.

Eu peço também a bênção dos mais novos.

E falo em nome das crianças que entraram na Lanchonete uma única vez,

muitas vezes, alguns dias,

àquelas que já partiram,

àquelas que chegarão,

De que a gente nem sabe o nome.

Reis e rainhas africanes

trasladados à força num grande Atlântico até aqui.

E é porque elas me deram a mão

que hoje eu estou aqui.

Muito obrigada,

obrigada, crianças.

Em seus nomes, eu gostaria de partilhar com vocês o que sei, e é pouco, mas peço licença para ir contando algumas histórias que nos ajudaram a dar vida a uma escola atravessada pelo racismo. Porque, diante do horror, é preciso pensar sobre minha branquitude e sobre a colonização. Preciso dizer que é uma honra gigante estar sentada ao lado de Krenak, na representação de Muniz Sodré e na pessoa de Luiz Rufino, de Cristine, de Dofono e de todas irmãs e irmãos. Bênção, por favor. Agra-

deço muito a Anna Dantes pelo convite. E também a todas as espécies companheiras que aqui, internalizadas em mim, encarnadas em mim, porque aqui, hoje, eu não estou só.

Falar diante de tanta gente me dá cambalhotas e nervoso na barriga, por isso trouxe um roteiro para eu não me perder nas palavras.

Eu falo com vocês desde a minha vivência com muitas outras vidas em uma jornada acontecendo na Pequena África, desde 2016, no bairro da Gamboa, no centro do Rio de Janeiro, batizada de Lanchonete Lanchonete, que desenvolve coletivamente um programa de escola chamado Escola Por Vir. Uma escola que a gente quer que chegue e que nunca pare de chegar. E mesmo dentro de uma jornada coletiva, eu reconheço falar aqui desde meu lugar de mulher branca, e que por ser branca, independentemente da minha classe social, obtive privilégios garantidos por 500 anos de processo político ativo de desumanização de povos originários e do povo preto, que permitiram meu deslocamento social e econômico. A posição da branquitude é de vantagem, pois vivemos numa sociedade estruturada pelo racismo.

Falo também do lugar de artista constrangida pelos limites físicos e conceituais do campo da arte contemporânea e seu fraco posicionamento diante do capital que acessa. Não é possível romper paradigmas se continuamos a nos beneficiar deles. Quando cheguei na Gamboa, cheguei como artista, mas aberta para aprender o que aquele lugar tinha a dizer, e o que me alterou por completo, também a minha prática.

Falo em especial em defesa às infâncias da Pequena África, fortemente assediada pelo capital também das artes, que não toma para si a “responsabilidade de criar novas configurações de poder, mantendo um ciclo de sociedade que vive na negação, com discursos gloriosos e românticos do passado colonial, com acentos fortíssimos patriarcais e que retiram das identidades suas subjetividades e as reduzem em uma existência de objeto representado pelo dominante”.¹

Não há dúvidas de que a história é ideológica; contada de uma forma, e não de outra, de maneira que vamos aprendendo que “sempre foi assim”. Mas desde que entendi que eu havia sido cooptada por uma história única, “aquela história” (“mostre um povo como uma coisa,

1. FANON, Frantz. *Escritos Políticos*. São Paulo: Boitempo, 2021.

somente como uma coisa, repetidamente, e esse povo será assim”²), decidi me perguntar: o que foi que a gente não aprendeu para o mundo estar do jeito que está? E nós não aprendemos a nossa história como realmente ela se deu.

Então aqui chega a primeira história. Quando deixei de lado dispositivos clássicos de exibição de arte, recorri àquilo que eu sabia narrar devidamente, com propriedade, e onde eu me sentia inteira: a cozinha. E toda memória de estar ao lado das senhoras da minha vida, cozinhando, bordando e acendendo o fogo enquanto era possível ser e estar criança, mesmo que debaixo de uma mesa. Às vezes penso que é como se eu tivesse atravessado o buraco da minhoca e pudesse conferir uma saudade gigante do *Big Bang*, que dorme em todos os nossos átomos e em todas as nossas moléculas, a lembrança saudosa da expansão e depois da contração, da polinização, daquela imensa força cósmica se querendo em torno de um calor, que expande e depois reúne e aproxima. Penso que é por isso que nos sentimos tão atraídos pela fogueira e também pelo poder de cozinhar, que parte em pedaços aquilo que ainda é inteiro. Em torno dos fogões vive nossa primeira escola, com a mesa, a comensalidade, como um lugar de distensão psicológica, própria das resenhas, das mesas de bares, dos botecos, das casas das avós, onde você sente a vontade de elaborar e dizer aquilo que você pensa, sem medo de arriscar dizer porque ninguém realmente está dando aquela verdadeira atenção ou valor ou vai haver algum tipo de julgamento. E ali, onde o poder narrativo de contar histórias, que você sabe e sabe por inteiro, acontece. Então chamar de “Lanchonete” era anunciar ser um espaço que não convoca nenhum conhecimento *a priori*, a não ser existir, e é tão conhecido de todas as gentes, uma cozinha-escola, que respeita o corpo que tem fome e alimenta para a emancipação e a liberdade.

Bem, vamos a história. Certa vez, eu levei cenouras, plantadas num vaso, para a Lanchonete. Depois de perguntar várias vezes, querendo fazer uma surpresa: “Imaginem o que tem embaixo dessa rama!”, e as crianças chutavam coisas esdrúxulas e não acertavam que era uma cenoura, nem mesmo uma batata ou uma cebola, eu bati o pé no chão e

2. ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

perguntei: “O que vocês acham que tem debaixo dessa terra?” E Pedrinho me respondeu: “Um cemitério”. É isso. Na Gamboa jazem milhões de corpos de crianças e jovens negres, traficados à força desde África, e que foram jogados num tremendo lixão, sem a possibilidade de ritualizar suas passagens. Portanto, essa é uma dívida transgeracional, porque o trauma é passado entre as gerações. Reconhecer os erros do passado e do presente cometidos pela colonização e participar da reparação se faz através de perspectivas políticas, sociais, religiosas, morais, antropológicas, legais, mas a revolução começa aqui [*aponta para o coração*], começa dentro de mim, começa no interior das pessoas. Toni Cade Bambara, uma ativista afro-americana, diz: “é melhor reservarmos tempo para tornar nossos interiores revolucionários, nossas vidas revolucionárias, nossos relacionamentos revolucionários. A boca não vence a guerra”.³ Assim, muitas escolas poderiam acontecer, e é assim que a Lanchonete aconteceu, a partir de uma decisão, da ação, e ao longo do tempo tem se constituído com muitas gentes, como uma irradiação ecológica, política e humana, em um território ancestral, aqui na cidade do Rio de Janeiro, aqui no Brasil. E ela tem sido percebida por uma teia de muitas espécies companheiras, meu amado Ailton, que tanto me ensina. Sim, muitas espécies companheiras, espirituais, locais e de outras paragens. Ela tem sido percebida pelos encantades, todes a fim de desencadear um novo ciclo holístico, de regeneração e contra-hegemônico no mundo.

Hoje somos quase 40 aliados/colaboradores com mais de 50 crianças, suas famílias e sua comunidade. Então, conto a segunda história. A Lanchonete saiu de um espaço que era uma garagem e foi para o Bar Dellas, que hoje em dia é bastante conhecido, um imóvel ocupado por famílias sem residência, que tem as famílias em cima, o bar embaixo, e, a certa altura, decidi que a gente deveria avançar nessa tensão sobre os nossos propósitos. E a gente se mudou pra dentro do Bar Dellas. E à noite, no burrinho sem rabo, carregando as coisas que a Lanchonete tinha, porque na verdade a Lanchonete tem crianças, tem vidas encarnadas, a gente tinha ali máquinas de escrever e algumas coisas. Cheguei no Bar Dellas e o Samuel, de 5 anos, veio me avisar, rapidamente, que

3. CADE BAMBARA, Toni. *Seeds of revolution: a collection of axioms, passages and proverbs*. Bloomington: iUniverse, 2014.

o Edu não viria mais para a Lanchonete, porque agora “tá aí, né, nesse bar, agora ele vai pra outra igreja”. E eu disse: “Mas, Samuel, a Lanchonete não é uma igreja”. Aí ele falou: “É um tipo, né?” Pois é. Samuel me dizia que aquilo que a gente faz, que a gente fazia, acolher, ouvir, escutar, uma escuta ativa, percebendo seus problemas e suas faltas, era o que a igreja faz. Mas é o que o projeto fundamentalista de 40 anos vem fazendo, plantando células, com a diferença de que eles têm um plano de poder – sabemos da bancada evangélica. Agora, e nós, artistas? Com nossos ateliês trancados em projetos pessoais, para atender bienais, galerias, museus, colecionadores e etc, o que a gente fazia com a nossa escola viva dentro da gente? Sendo que muitos de nós, aqui, estivemos em escolas públicas, universidades públicas. Eu gostaria também de pensar sobre mim, sobre o que ouvi enquanto estive na universidade, que me orientavam para planos de carreira, mas nunca me disseram “devolva para o público aquilo que o público lhe ofereceu”. Então a gente sai da universidade, faz os nossos ateliês, espalha células de escolas possíveis do mundo inteiro e tranca a porta. O projeto fundamentalista não fez isso.

Por isso, é importante dizer que a Lanchonete devolve ao mundo aquilo que recebeu. É pública, gratuita, sem catraca, aonde as crianças chegam e de onde saem em seus tempos possíveis, onde elas encontram um grande telhado que assegura seus direitos e onde se fala sobre isso com elas: sobre direitos constitucionais. Isso é ser também uma escola viva na cidade! Tem almoço, água, banho, afeto, respeito, brinquedos de boa qualidade, convivência, e muitas coisas que faz uma infância cansada por não habitar, por sofrer diariamente na carne a invisibilização providenciada pelo projeto branco de mundo. Lá ela aparece. Ela é, está, sente, existe; falamos sobre seus direitos e criamos demandas públicas.

Então, eu volto amanhã para a Lanchonete e vou dizer pro Samuel que sabemos que não estamos sós. É só olhar ao redor, encontrar pessoas, vocês, e sabemos que estamos construindo inteligências e reunindo tecnologia social que devem ser aproveitadas pelas políticas públicas.

As formas e as aparências da Lanchonete colocam em comunicação seres que diferem em perspectivas e em domínios ontológicos. Isso contribui para que a comunidade, vizinhos, redes institucionais de saúde e

educação do território, validem no mundo a pluriversidade de modos de ser, estar e aparecer no mundo, promovendo mudanças para que crianças negras venham a ocupar espaços de decisão e poder em breve e neutralizando as manobras do capital de exclusão de pessoas não brancas.

Somos um pluriverso de possibilidades em nós mesmos. Assim, a Escola Por Vir participa da afirmação de mundos não-hegemônicos em um mesmo momento em que modifica seu modo de ser e se abre para um novo devir de escola. A nossa pergunta, todo tempo, é: de que escola o mundo precisa? Mas, quando a gente fala “escola”, sai a escola que mora dentro de mim, dentro de você, dentro de cada um. Mas que escola é essa? Eu venho aqui buscar, nesse encontro, a escola que não tive, e que reproduziu todo o conceito e a lógica colonial. Porque lá nós aprendemos e ensinamos a não ser racistas, e essa educação tem de começar desde muito cedo, para que essa internalização oriente nossos comportamentos e seja, de fato, uma escola para todes, mas para todes vives.

Agora que somos os adultes do rolê, somos nós que cuidamos dos erês, e a gente não reconhece essa responsabilidade. Como disse o Ailton, se estamos numa nave, estamos governando essa nave, nós somos os pilotos. O que a gente diz para esses erês?

A Lanchonete não se deu de forma vertical; ela é contextual, feita com a comunidade e também não é um estranho no ninho e também não é um corpo efêmero. Se aceita instável, pois percebe e absorve o mundo, filtra suas formas mais preciosas para ser modificada por elas e prolongar seu estar ali, na Gamboa, na Pequena África, sobre o oceano da instabilidade que é a vida num território empobrecido. Dribla a falta de recursos financeiros com a insistência, a persistência, e reconhece o imenso capital simbólico que ela é. Ela vê seu mundo cair e escorregar, mas depois se insinua de novo. Todos os dias.

É como se a gente trocasse pneu com o carro andando, mas em movimentos espiralados e ascendentes de subjetividades se curando, se potencializando, afetando o tecido social, e assim girando e circulando, vão melhorando as subjetividades, vão melhorando o tecido, e assim, por diante. Mas tudo isso precisa ser no tempo de vida de uma criança, uma criança que tem nome, que a gente conhece, que vocês conhecem, que vocês sabem que existe. Então não é cedo nem tarde demais, é a hora. É a hora de cada um se reconhecer uma escola viva.

A Escola Por Vir foi brotando junto com as crianças da Pequena África. Elas saíam da escola e me encontravam ali na porta, sentada com uma lousa, dizendo: “Vem, senta, vamos conversar sobre o mundo”, e elas iam me perguntar o que era aquele lugar com uma tia parada, esperando, sem ter muito o que fazer. Mas era apenas sobre estar disponível para o outro. E aí foram elas que decidiram que ali seria a escola para as crianças. Depois vieram suas mães, irmãs, tias e avós. Agora, chega o momento de abrir para os homens da comunidade, pois a Lanchonete se abre a tudo que está no mundo circundante na vida das crianças da Gamboa.

Encontrar alguém ou algo se dá também no seu interior, e esses encontros criam um movimento-ação em que escolhas são possíveis, caminhos negados são trilhados e a consciência colonial se desenvolve. E não dá para não se desenvolver. A Lanchonete afeta diferentes grupos sociais e convoca a branquitude para o debate, ainda que a gente esteja aprendendo, mas não é possível pensar esta escola sem isso.

Então vem a terceira história. Um dia, Raiane me perguntou: “Thelma, você é rica?”, e eu, olhando e imaginando quais eram os códigos no meu corpo que anunciavam isso pra ela, perguntei: “Por que você diz isso, Raiane?”, e ela disse: “Porque você é saudável, porque você nunca fica doente”.

De forma objetiva, a Escola Por Vir confia na plasticidade da arte para organizar, junto com sua comunidade, na dimensão africana de sua existência, circunstâncias para que o letramento de mundo, a atenção à saúde mental, o reconhecimento de lideranças locais, a comensalidade, tenham atravessamento racial, de classe, gênero, LGBTQIA+, sexo, preconceito religioso e etc, e também experiências no campo da arte.

E, para que o diálogo se dê na perspectiva afrocentrada e pan-africanista, transitando pelos valores, costumes, crenças e pela forma de ser e estar no mundo negro-africano, temos a questão ancestral como um recurso estético. Certa vez, lá na Lanchonete, a gente distribuiu 20 latinhas de *spray* de espuminha para as crianças, que aproveitavam a passagem do VLT, corriam e avançavam com o braço em riste, e ele saía com listrinhas de espuma pela praça e ia embora. Muitos adultos vieram me pedir que eu cuidasse das crianças, que aquilo era um risco. Era muito difícil

pra branquitude entender que ali é o Quilombo da Pedra do Sal, aquelas crianças correm livres, elas estão nas casas delas. A cidade, o quilombo, a Pequena África é a casa delas. E eu respondia: “Por favor, cuide você também, as crianças são nossas, são de todos nós”. E, depois de muitas vezes que o VLT passava, e todo mundo anunciando que uma perninha ia ser cortada, um bracinho ia ser perdido, e eu sabendo o quanto aquelas crianças são sagazes ali, cheguei perto e disse: “Criançada, é melhor a gente parar.” Até porque a polícia, quando passa ali, repreende com violência as crianças pretas. E uma delas me disse: “Tudo bem, Thelma, se a polícia passar, eu vou dizer que é arte”.

É linda a história, mas o Cauã não percebeu isso assim, ele esteve com a gente anos pra perceber que seu corpo preto, precarizado, poderia também ser o corpo de um artista. Mas, ainda assim, é preto. E, tendo a questão ancestral como um recurso estético, uma vez que a ancestralidade é base de vivência das culturas negro-africanas de resgate da tradição, na vida prática da Lanchonete confiamos na memória dos nossos mestres mais velhos, que estão mais próximos de se tornar ancestrais e de compreender os fatos do mundo visível e invisível, na pessoa do Mestre Graúna, que dá aula de capoeira; do Mestre Antônio, que nos ensina a história do território, e que fazem sobreviver outros discursos e outras verdades.

Para fortalecer nossos modos de ser e aparecer, nós escolhemos as armas de Jorge contra a desigualdade e a injustiça social, e as armas de Jorge são a autonomia, a emancipação, a saúde física, mental e espiritual, a alfabetização, a geração de renda, o acesso à educação de qualidade e às universidades e, principalmente, o direito de decidir sobre si e sobre seu direito à vida.

Pensar sobre escolas vivas com vocês, aqui, e desde onde eu existo e existimos no Brasil, é compreender que o anticolonialismo não pode ser reduzido a uma declaração; deve ser um anticolonialismo de luta, e não uma repartição da nossa consciência. Porque, como diz Robin DiAngelo: “Minha consciência adulta é antirracista, mas minha estrutura profundamente internalizada é racista, e negar isso só serve para proteger essa estrutura”.⁴

4. DIANGELO, Robyn. *Cadernos Ibirapitanga*, 2020.

Não é possível ser verdadeiramente humane se não sentir, no mais profundo de si mesmo, o drama inominável de uma criança sem seu direito à vida porque não é branca, deixando seguir e triunfar o pacto narcísico entre a branquitude.⁵

Obrigada.

5. BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Fotógrafa e pedagoga com mestrado em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, Thelma fez pós-graduação em Cinema Documentário pela FGV e, desde que se mudou para o Rio de Janeiro, em 2012, vem participando de espaços independentes, como a Residência Artística CAPACETE RJ, com o projeto LA BOCA_2015 e o espaço SARACVRA (RJ), com a Lanchonete <> Lanchonete_2017. Foi convidada pela Faculdade de Artes da UFF para ministrar seis meses de aula, onde propôs a disciplina Práticas Artísticas para Além do Dispositivo Clássico de Exibição. Em 2019, participou da residência artística Casa do Povo: uma instituição do comum, com o trabalho DESLOCAR É PRECISO ativando a interlocução entre a Casa do Povo, a Ocupação 9 de Julho e ocupações adjacentes à L<>L. Thelma e mais seis crianças da Pequena África viajaram de ônibus até São Paulo, hospedaram-se na Ocupação 9 de Julho e vivenciaram juntas a experiência de residência artística.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Agradecemos a Katlen Rodrigues, pela transcrição das histórias, e Isabelle Passos, pela editoração.

KATLEN RODRIGUES

Vive em São Paulo, trabalha como *designer freelancer* e atualmente estuda as ciências humanas fora do eixo ocidental e os pensamentos decoloniais. Está em formação de ogã e tem o sonho de ainda conseguir atuar na educação e morar mais próximo à natureza. Acredita firmemente no amor, na generosidade, nas criaturas, nas autogestões, e no compartilhamento livre de tudo.

ISABELLE PASSOS

Artista visual, percorre caminhos entre as imagens e as palavras. Mantém seu ateliê e residência em São Paulo, onde pesquisa o desenho como uma forma de elaborar a anatomia do inconsciente. No Selvagem, trabalha com o desenho gráfico e na construção de imagens.